

A HISTÓRIA

DE ANDRÉ DUNN

Edições Cristãs

ÍNDICE

Capítulo 1

André tem dúvidas

Capítulo 2

André convence sua família

Capítulo 3

Entrevista com o padre Domingos

Capítulo 4

Um costume familiar

Capítulo 5

A família de Jaime

.oOo.

Capítulo 1

*André começa a duvidar de sua religião.
Tem uma entrevista com seu pároco.
Obtém um Novo Testamento.*

Cria em tudo que seus sacerdotes lhe diziam, assim como também seus vizinhos. Tinha talento, mas só o empregava nos negócios deste mundo, até que, chegando idade já mencionada, começou a refletir sobre a grande importância da religião e a reconhecer sua ignorância neste assunto, Estes pensamentos o levaram a examiná-la a fundo, convencido que, antes de mais nada, devia procurar a salvação de sua alma.

Com esta finalidade, procurou o padre Domingos, sacerdote de sua paróquia, e lhe manifestou o desejo de manter alguns minutos de conversação.

- Bem - disse-lhe o sacerdote - em que posso ser-lhe útil?

- Tenho estado pensando - disse-lhe André - que eu sei cuidar muito bem dos meus negócios e tratar com qualquer um a respeito de qualquer assunto, mas entendo tão pouco de religião como pode entender qualquer irracional, o que acho não deve ser o normal para um cristão. Gostaria que vossa reverência me ensinasse como poderia adquirir o conhecimento que me falta.

- Como pode ser isso? - disse-lhe o padre. - Nunca tenho sentido sua falta na missa e nem no confessionário e sei que você é um homem de bem. Que mais deseja, pois?

- Devo confessar-lhe, senhor cura, que se alguém me perguntasse porque sou católico romano, eu nem saberia dar-lhe uma razão convincente; somente poderia dizer-lhe que o sou porque meus pais já o eram antes do que eu e, sinceramente, tal razão me parece pouco satisfatória.

- Mas você não sabe, prezado André - disse o padre Domingos - que você pertence à Santa Mãe Igreja e que não existe outra Igreja verdadeira além dela? E que todos os que

não estão nela são hereges que, certamente, serão condenados eternamente?

- Eu já tenho ouvido vossa reverência dizer isto várias vezes na igreja, mas, se não se incomodar, eu ficaria contente em saber como é que vossa reverência sabe tudo isso.

- André, você é o primeiro dos meus paroquianos a atrever-se a fazer-me semelhante pergunta e eu não entendo como você tem a ousadia de fazê-la. Mas não tenho dificuldade em responder-lhe. Eu sei isso porque assim o diz a igreja.

André não ficou satisfeito com a resposta tão curta e atreveu-se a insinuar que tinha ouvido pessoas mais estudadas do que ele dizer que ninguém pode ser testemunha em causa própria e ainda tomava-se a liberdade de perguntar ao padre como saber que em tal caso a igreja dizia a verdade.

- Você não sabe que disputar com a Igreja - disse-lhe o padre Domingos, já um pouco irritado - como se alguém pudesse errar ou enganar-se, é quase como blasfemar contra o Espírito Santo?

Ao ouvir tais palavras, André ficou meio intimidado, mas, refazendo-se, prosseguiu:

- Não leve a mal vossa reverência, mas permita-me perguntar-lhe por que está tão certo que a Igreja não pode errar neste assunto. Afinal de contas, vossa reverência sabe que, quando há tanto a perder ou a ganhar, devemos ser bem exigentes.

Então o padre, com ar de triunfo, respondeu:

- Pois fique sabendo que Jesus Cristo prometeu à Sua igreja estar com ela até ao fim do mundo e, por conseguinte, a Igreja é infalível, isto é, incapaz de errar.

- Muito bem - exclamou André. - isto é o que eu queria saber e se vossa reverência me faz, ainda, o favor de esclarecer esse assunto ficarei satisfeito para sempre.

O padre também estava, pensando ter-se saído bem com pouco trabalho, e lhe disse que a promessa de Jesus Cristo e lhe disse que a promessa de Jesus Cristo estava no último

versículo do último capítulo do evangelho segundo São Mateus e, como o sabia de cor, repetiu-o em latim.

- Não duvido - disse André - que tudo isto seja muito bom e muito santo, mas, perdoe-me vossa reverência; acontece que não entendi nem uma palavra do que acabou de dizer.

- Eu bem sei - disse o cura. - Nós, para o bem de nosso rebanho, nos reservamos a faculdade de explicar estes versículos da Sagrada Escritura conforme o sentido que a Igreja lhes dá.

- Eu bem gostaria - respondeu André - que vossa reverência me desse uma explicação dessas palavras tão formosas e cheias de sabedoria.

- Pois bem, André, elas querem dizer que Jesus Cristo prometeu estar com todo Concílio que o Papa convocar, até ao fim do mundo; que todo Concílio assim convocado, por representar toda a Igreja, será infalível, isto é, não poderá errar; que qualquer que ousar contestar seus decretos deve ser castigado como herege e sua alma se perderá por toda a eternidade.

- É possível - exclamou André, admirado pelo que acabava de ouvir - que tudo isto esteja encerrado na breve sentença que vossa reverência citou?

- Sim e muito mais, como veria se eu tivesse tempo para explicar-lhe. Com esta passagem bíblica nós podemos confundir a todos os que presumem saber alguma coisa em matéria religiosa; assim que nada podem dizer em sua defesa.

- Acho que vossa reverência disse que esta passagem se encontra no evangelho segundo São Mateus. Eu sei que Mateus foi um grande santo e não duvido que o evangelho é coisa boa, mas desejo saber qual é o evangelho segundo São Mateus.

- Vamos, André! Você está perguntando muita coisa. Se continuar assim, ficaremos aqui o dia todo respondendo as suas perguntas. O evangelho segundo São Mateus é aquela parte do Novo Testamento que esse apóstolo escreveu.

- Não fique incomodada, vossa reverência, mas o que é o Novo Testamento?

Aqui o padre, já meio alterado lhe respondeu secamente.

- É a parte da divina revelação que contém a história da vida e morte de Jesus Cristo e a doutrina que Ele e Seus discípulos ensinaram.

- Que maravilha! Como eu gostaria de ter este Testamento. Diga-me, vossa reverencia, como é que eu poderia fazer para comprá-lo? Com muito prazer eu economizarei parte do meu ordenado para poder tê-lo em meu poder. Mas, agora me lembro, já ouvi vossa reverência dizer que está escrito em língua estrangeira! Que pena que não tenha sido traduzido para a nossa língua, para uso de nós, os pobres! Se eu pudesse aprender a língua em que está escrito, dedicaria a seu estudo algumas horas de cada dia, mesmo que tivesse de sacrificar parte do meu trabalho, a fim de poder ler a Palavra de Deus. O padre Domingos não quis enganá-lo e nem dizer-lhe que por pequena soma de dinheiro poderia conseguir uma boa tradução do Novo Testamento, mas lhe respondeu:

- Não seja bobo; vá trabalhar e não se meta com coisas profundas demais para seu entendimento.

André achou que o padre não deveria tê-lo despedido com tanta aspereza, no entanto, acostumado a obedecer, despediu-se dele e voltou para sua casa, pensando na conversa que haviam tido.

Mas André desejava adquirir um Novo Testamento. - Que bom seria - dizia consigo mesmo - poder ler os atos de Jesus Cristo de quão preciosa a doutrina que Ele ensinou seria para minha alma. E poder aprender diretamente do Livro de Deus e nas próprias palavras que Ele expressou!

Este desejo não o deixava e chegou até a sonhar que possuía um Novo Testamento. André era um camponês. Quando criança tinha aprendido a ler e a escrever e, como tinha boa memória, ainda lia e escrevia mais ou menos. Trabalhava na fazenda de um fidalgo vizinho e era considerado como um excelente trabalhador.

A dona da casa era mui carinhosa e nos dois últimos anos, quando as colheitas tinham sido escassas, tinha-se

preocupado em socorrer os pobres da vizinhança, razão pela qual muitos deles lhe deviam a própria vida, poderiam ter adquirido doenças incuráveis pelo uso de alimentos estragados ou pela falta de alimentação. Mas ela não se limitava a socorrê-los em suas necessidades físicas, antes, sabendo que suas almas seriam salvas ou perdidas eternamente, quando ia visitar os pobres ou doentes, costumava indicar-lhes com poucas e simples palavras o necessário para sua salvação eterna.

Foi naquela época que a referida senhora começou a comprar Novos Testamentos e reparti-los gratuitamente entre as pessoas de sua região, sem distinção de religião, crendo que, ainda que não tirassem benefício nenhum de sua leitura, mal não lhes faria.

O padre Domingos teria ficado envergonhado de dizer qualquer palavra contra tal boa obra, mas a verdade é que ele preferiria que aquela senhora não desse presentes deste tipo.

Um dia, estando André cuidando da terra, esta boa senhora passou por ali e perguntou-lhe a respeito de um de seus filhos, que tinha estado doente. Após certa conversa, perguntou-lhe se possuía um Novo Testamento.

André respondeu-lhe que não, mas que desejava muito poder ter um e não somente tê-lo, mas poder lê-lo e estudá-lo.

- Como? Você não sabe ler.
- Sim, senhora, mas só sei ler a minha língua.
- Pois bem, este livro está em nossa língua.

Parecia que André pulava de alegria.

- É precisamente isto que eu desejava, senhora. Acaso me poderia arranjar um?

A senhora, sem perder um momento, foi à sua casa e voltou com um exemplar do Sagrado Livro, dando-o de presente a André, que o recebeu com muita alegria. Guardou o livro até a hora de deixar o serviço e então foi correndo para sua casa para iniciar sua leitura na mesma noite. Ia pensando na preciosidade que devia ser aquele Livro que ele agora possuía.

Este Livro, dizia consigo mesmo, contém as palavras de Deus. Se eu tivesse um livro que me ensinasse a adquirir riquezas, o apreciaria muito; mas com este Livro aprenderei a conseguir as riquezas eternas.

E porque fiquei tanto tempo ignorando que este Livro existia? E porque o padre Domingos não queria que eu o possuísse? Seja como for, estou disposto a lê-lo, se Deus o permitir.

Com tais pensamentos, chegou à sua casa e, após jantar com a família, retirou-se ao seu quarto e tirou o Novo Testamento; contemplou-o durante alguns instantes com sentimento de profunda veneração e disse:

- Este é o Livro que Deus mandou escrever para ensinar o caminho do céu aos pobres pecadores como eu. Sendo Seu Livro, espero que ele me dará condições para entendê-lo e, nesta confiança, vou pedir-Lhe que me ilumine a fim de chegar a conhecer seu verdadeiro sentido e não ficar enganado.

Tendo pensado assim, pôs-se de joelhos e fez a seguinte oração:

- Ó Deus, Senhor do céu e da terra, eu sou um pobre e não sei nada. Rogo-Te que ilumines meu entendimento para que, quando leia a Tua Santa Palavra, possa entendê-la bem e fique sabendo o que Tu queres que eu faça para salvar a minha alma.

Naquela noite leu alguns capítulos que muito lhe agradaram e continuou lendo todas as noites até terminar sua leitura. O que lhe chamou muito a atenção foi não encontrar nenhuma vez as palavras Papa, missa, confessionário, penitências, absolvição canônica, méritos de santos, dia de festa, rezar o rosário e tantas outras palavras que o padre Domingos usava com tanta frequência.

- Tenho ouvido estas coisas desde pequeno - exclamou - E me fizeram crer que a religião consistia nelas e que a minha salvação e a de todos os homens que vivem e que já viveram dependia delas; no entanto, não encontro nenhuma destas palavras em o Novo Testamento. Será que o padre não sabia?

Apesar de André não encontrar em sua leitura do Novo Testamento nada a respeito de tais assuntos, encontrou coisas de enorme importância. Impressionaram-no muito passagens como esta: “Os sãos não precisam de médico, mas sim os doentes!”. É verdade, disse ele. Isto eu entendo. Quer dizer que, se não fôssemos pecadores, não necessitaríamos de um Salvador.

Outra passagem que o impressionou foi: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores”. Como são consoladoras estas palavras que asseguram que, embora eu seja um pecador, não me recusará se eu me chegar a Ele!

E esta outra: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Ao ler isto, André exclamou admirado:

- Isto sim que é amar, ao ponto de enviar-nos Deus Seu próprio Filho! - e tornando a reflexionar, só pôde mudar sua linguagem e dizer: - Ai de mim! Que motivo tenho para alegrar-me nisto?

Certas passagens o feriam até o mais profundo do seu coração: “Estes irão para o tormento eterno” (Mateus 25.46), “Ele retribuirá a cada um conforme o seu procedimento... Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal!” (Romanos 2.6, 9).

Ao ler tais passagens, às vezes desanimava porque conhecia perfeitamente que tinha pecado e que Deus podia condená-lo à perdição eterna. Muitas vezes exclamava: - “Desventurado homem que sou! Quem me livrará?” (Romanos 7.24). Assim se passaram algumas semanas, ora cheio de esperanças, ora tomado de temores.

Devo dizer que a família de André constava de sua esposa, um filho de dezoito anos e duas filhas com dezessete e dezesseis anos. Não lhe sendo possível ocultar os sentimentos que o agitavam, estes lhe perguntaram várias vezes pela causa de sua tristeza. No início não quis contar-lhes, mas diante da insistência, disse-lhes claramente:

- Querida esposa e filhos, na realidade, a religião é o assunto mais importante do que normalmente pensamos. Acabo de ver, pela leitura do Novo Testamento, que eu sou um pecador e isto me enche de tristeza.

André era mui querido por sua família e esta, crendo que ele estivesse ficando louco, alarmou-se. Entretanto, vendo que ao tratar de outros assuntos mostrava estar em perfeito juízo, procuraram consolá-lo dizendo-lhe que realmente era um pecador, mas que todos o eram; que ele era tão honrado como qualquer de seus vizinhos; que tinha um bom coração e que nunca tinha faltado com suas obrigações.

- Pobre consolo é este - disse-lhes. - É um remédio pouco eficaz para uma consciência afligida pela culpa. Se não me podem dar um consolo melhor, não me digam nada, porque ainda me aflijo mais ouvi-los falar assim. Podem dizer-me como poderei livrar-me do castigo que meus pecados merecem.

- Sim, posso - disse-lhe a esposa. - Procure o padre Domingos, confesse-se a ele e na hora lhe dará a absolvição.

- Absolvição - exclamou André, dando um profundo suspiro. - Isto me bastava quando eu era ignorante, mas agora sei que preciso de outra classe de absolvição. Só Deus, querida esposa, pode perdoar os pecados e o padre Domingos não tem mais poder para perdoar pecados do que você e eu.

A família ficou chocada ao ouvir uma afirmação tão atrevida e começaram a fazer o sinal da cruz por medo que a blasfêmia ouvida (pois assim a consideravam) tomasse conta deles.

- Torno a repetir - insistiu André - ele não tem mais poder para perdoar pecado do que você e eu.

Milhares de vezes o tinham ouvido pronunciar tremendos juramentos sem manifestar repugnância alguma; tinham-no ouvido maldizer sua alma e as de outras pessoas; mas quando ouviram negando que o padre tivesse autoridade para perdoar pecados, alarmaram-se e tamparam seus ouvidos para não escutarem novamente palavras tão sacrílegas.

Foi assim que o pobre André teve que lutar por muito tempo com a oposição de sua própria família e com o remorso de consciência.

Um dia tomou o Novo Testamento e leu no capítulo 15 do evangelho de São Lucas; quando chegou à parte onde se lê: “Levantar-me-ei e irei com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”, ajoelhou-se e, fazendo sua a petição do filho pródigo, pediu perdão com o maior fervor, confiando nos méritos de Jesus Cristo.

Olhando novamente para o Livro, deteve-se nestas palavras: “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou”. Isto lhe recordou outra passagem que já tinha lido: “O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado”.

Ficou comovido ao considerar o amor de Deus, ao enviar Seu Filho para salvar os pecadores e, encomendando-se à imerecida misericórdia de Deus, a partir daquele momento sentiu uma paz tão doce e um consolo tão maravilhoso que nunca poderia ter pensado experimentar.

.oOo.

Capítulo 2

*André consegue convencer sua família.
Tem nova entrevista com o padre Domingos.*

A partir daquele dia, André começou a falar à sua família com mais franqueza, contando-lhes como Jesus Cristo amou aos pecadores que estavam em perigo de perder-se, entregando-se à morte para remi-los.

Por algum tempo, todos, com exceção de sua filha menor, o consideravam como um homem fora de si.

Esta filha, desde o princípio o tinha estado escutando com muita atenção e não demorou muito que se chegasse ao pai e, com um semblante que expressava o que se passava em seu interior, lhe confessa-se que seus discursos lhe

tinham causado profunda impressão, que não podia esquecê-los nem de dia e nem de noite; que por algum tempo tinha sentido vergonha em dizer estas coisas ao pai, mas que seu estado era tão perturbado que tinha sentido necessidade de naquele dia vir pedir seu conselho e consolo.

André muito se alegrou ao ouvir sua filha falar assim; lembrou-se quão importante é tratar seriamente de assuntos tão importantes. Explicou-lhe como pôde a realidade do amor de Cristo mesmo para o maior dos pecadores, exortando-a insistentemente a não demorar em aceitar a misericórdia oferecida. Assegurou-lhe que o que mais a recomendava a Cristo eram as suas próprias necessidades, as quais Ele socorreria bondosamente.

André também teve a satisfação de ver sua esposa e filho convencidos da verdade e, pela graça de Deus, pedindo a salvação confiando nos méritos do Crucificado. Agora, só restava a sua filha maior ser realmente uma cristã. Esta se fez de surda às suas exortações e sua obstinação causava muita dor a seu pai.

As coisas continuaram assim por algum tempo e já se tinha passado mais de um ano desde a primeira conversa que André teve com o padre Domingos.

Através do estudo do Novo Testamento, ao qual se tinha dedicado tanto quanto possível, chegou a adquirir um bom conhecimento de seu conteúdo e podia responder a qualquer um que lhe pedisse a razão da esperança que havia nele, fazendo-o com modéstia e com temor.

Enquanto isto, o padre sentia sua falta na igreja e um dia passou por sua casa para perguntar-lhe qual a Razão porque não se confessava e nem assistia à missa. No início, tentou evitar a resposta, mas, depois, considerando que não devia envergonhar-se do que tinha aprendido lendo a Palavra de Deus, e que devia renunciar abertamente à doutrina errônea na qual antes tinha crido, resolveu aproveitar a primeira oportunidade para falar ao padre com toda a franqueza, descarregando assim a sua consciência diante de Deus, esperando o resultado com submissão à Sua vontade.

Não demorou muito e o padre tornou a visitá-lo repreendendo-o asperamente por faltar ao seu dever. Falou-lhe com palavras muito duras e irritantes e parecia estar tratando com um cachorro em lugar de com um homem. Isto não incomodou André. Tinha estado estudando na escola de Cristo e tinha aprendido a ser manso e humilde de coração. Assim, apesar de não possuir mais o temor supersticioso para com o sacerdote, não quis imitar a linguagem insultante, antes, com mansidão, tratou de fazer-lhe entender que tinha procedido mal em falar de maneira tão irritada.

- Ainda mais esta! - disse o padre. - Isto é o que eu esperava com tantas perguntas de sua parte. Eu não esperava outra coisa desde que você se atreveu a ler o Novo Testamento. Se estivéssemos na Espanha ou em Portugal eu resolveria isto, denunciando-o à Inquisição. Naquela época, a “Santa” Inquisição nestes dois países levava aos tribunais e à fogueira a milhares de fiéis cristãos, onde você pagaria caro pela coragem e disputar sobre a autoridade do clero. Mas aqui, neste país a Grã Bretanha, esse vil princípio da liberdade de consciência está na moda e qualquer um pode pensar por si mesmo; além disso, o poder aqui está em mãos não muito respeitáveis.

- Sem querer faltar-lhe como respeito que lhe devo - replicou André - só posso dar graças a Deus por ter a ditosa sorte de viver num país onde todo homem pode julgar por si mesmo e não traz muita honra a qualquer religião ter que empregar o tormento para obrigar que os homens a sigam.

Esta observação, apesar de ser muito justa, encolerizou ao padre Domingos ao ponto de esquecer-se inteiramente do decoro que deveria caracterizá-lo como ministro que dizia ser do manso Redentor e, levantando a mão a qual segurava um chicote, pois estava montado num cavalo, ameaçou castigar ali mesmo a André se se achesse a falar daquele modo. Este, que tinha chegado a entender pela leitura do Novo Testamento como é que um ministro do Evangelho deve comportar-se, escandalizou-se ao ver semelhante atitude e calou-se por um momento, até que, vendo descer devagar o

braço ameaçador, compreendeu que o padre começava a acalmar-se. Então lhe falou nestes termos:

- O senhor acha que sua conduta recomenda a religião da qual é um ministro? Ou espera atrair-me novamente ao seio de sua igreja por meio de tais argumentos? Se crê conseguiu assim, está muito equivocada. A convicção de que eu vivia no erro é a causa da mudança que tanto o ofende. Asseguro-lhe que só razões mais convincentes me fariam retornar à igreja da qual me tenho separado. Se o senhor quer ter uma entrevista comigo, tenha a bondade de entrar em minha casa e expor-me suas razões e, se me parecem satisfatórias, o senhor não terá porque queixar-se da minha obstinação.

À medida que o padre Domingos foi acalmando-se, começou a envergonhar-se de seu comportamento e, vendo como sua atitude intempestiva contrastava com a moderação de André, sentiu-se tão humilhado que pensou em ir embora, deixando André com sua heresia. Entretanto, pensou consigo mesmo: - Mas se vou embora e me nego a debater a questão, será um grande triunfo para ele e dirá a todos os seus vizinhos que venceu ao sacerdote e, com isto, conseguirá com que todos me desprezem. Mas ele é um ignorante e, ainda que eu não consiga convencê-lo, pelo menos poderei fazê-lo calar. Também considerou que, aceitando a palavra, apagaria a mancha de sua atitude intempestiva e daria uma prova de sua condescendência e humildade.

Estas razões o levaram a entrar na casa de André e, descendo do cavalo, amarrou-o à porta e foi sentar-se junto à lareira. André também se sentou ali perto e toda a sua família aproximou-se, achando que a conferência seria muito interessante.

.oOo.

Capítulo 3

*A entrevista e seu resultado.
Os vários assuntos tratados.*

O padre iniciou o diálogo.

PADRE: E não é muito atrevimento que um homem como você queira discutir religião com um como eu, que sei ler e escrever latim e que tenho sido educado para estas coisas?

ANDRÉ: Me parece que o que interessa a todos deve ser simples. Por exemplo: se eu quiser medir uma peça de pano e não tiver a vara de medir, terei que calcular qual seja a medida ou, então, confiar no parecer de outro, mas se eu tenho a vara de medir, então eu mesmo medirei a peça e não é necessário muito conhecimento para saber qual a medida da peça.

P: Que quer dizer com isso?

A: Quero dizer que Deus me deu uma medida pela qual posso guiar-me e que devo usá-la. Para isto, eu creio que não são necessários muitos conhecimentos, como o senhor supõe.

P: Ah, já percebo aonde quer chegar! Você crê que as Sagradas Escrituras lhe são dadas para sua direção e que, em tudo, deve guiar-se por elas.

A: Isto mesmo.

P: Mas já pensou que aquele livro só serve para os entendidos e que os homens como você, aqueles que não têm recebido instrução adequada, não devem quebrar sua cabeça com a sua leitura?

A: Eu sei que o senhor já me disse isto muitas vezes, antes de eu o ter lido. Acontece que, depois de o ler e ter pedido a Deus Sua graça para poder entendê-lo, o achei tão claro que, embora nem eu, nem o homem mais sábio que exista, saiba explicá-lo totalmente, creio ter chegado a compreender o seu conteúdo suficientemente bem ao ponto de conseguir a salvação de minha alma mediante a graça de Deus.

P: Certamente, você é o homem mais insolente que eu tenho encontrado em toda a minha vida, pois acha que entende as Escrituras, ao passo que as pessoas mais sábias e instruídas mal podem explicá-las.

A: Eu sei que não sou sábio. Mas se o senhor considerar os seguintes versículos que tenho encontrado em o Novo Testamento, certamente não julgará tão necessário ser sábio. Veja, por exemplo, estas palavras do bendito Redentor: “Graças Te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Mateus 11.25). Considere também estas outras: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus” (Mateus 18.3). São Paulo também diz: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento” (1 Coríntios 1.26) e “Ninguém se engane a si mesmo: se alguém entre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio” (1 Coríntios 3.18). Poderia acrescentar outros versículos, mas creio que estes são suficientes para demonstrar que nosso Salvador e Seus apóstolos não tinham a sabedoria humana em tão alto conceito que nem muitos.

E o senhor deve saber melhor do que eu que nosso amado Senhor quando estava aqui na terra costumava falar mais frequentemente aos pobres e que alguns dos discursos que lhes dirigiu constam em o Novo Testamento. Pois bem, senhor padre, eu não vejo porque um pobre irlandês como eu não possa entender as Escrituras. Assim falou o padre Domingos, provavelmente sem saber que a Congregação do Índice havia concedido licença para a leitura da Bíblia na linguagem do povo, mas com tantas restrições que quase era uma proibição.

Mas para André tal argumento não representava nada e disse-lhe taxativamente que não precisava de argumentos para convencer-se que aquela Igreja em cuja defesa o padre estava falando não podia ser verdadeira. Isto era demais para quer o padre ouvisse com paciência, mas, lembrando-se de como anteriormente tinha agido com André, fez o possível para reprimir sua indignação e lhe disse que, se insistisse em ler as Escrituras, ele lhe poderia provar pelas mesmas que,

tudo que André reprovava na Igreja Católica era de divina instituição.

A: Pois bem, senhor padre, se o senhor, quiser, pode fazer isto e eu prometo voltar ao seio da Igreja que o senhor chama de Igreja Católica.

P: Então vamos lá. Diga-me quais as doutrinas que você não admite.

A: Tudo me parece falso, mas alguns dos pontos que eu mais reprovos são: a missa, a confissão auricular, a penitência e a absolvição, a extrema unção, o purgatório, as orações aos santos e, principalmente, o mérito das boas obras.

A MISSA

P: Bem, comecemos pela missa. Este é um sacramento no qual o pão e o vinho são consagrados pelo sacerdote, sendo eles convertidos verdadeiramente no corpo e no sangue de Cristo, e oferecidos a Deus como sacrifício sem derramamento de sangue em propiciação pelo pecado. Você só tem que abrir o Novo Testamento e verá que Cristo disse textualmente: “Isto é o Meu corpo” e “Isto é o Meu sangue”.

A: Sei que as palavras são precisamente estas que o senhor acaba de citar, mas considere que nem tudo se deve tomar ao pé da letra. São Paulo, falando da rocha da qual saiu água para os israelitas, disse: “E a pedra era Cristo” (1 Coríntios 10.4). Seria uma bobagem pensarmos que aquela pedra era verdadeiramente Cristo, ainda que teríamos tanta razão em dizê-lo como para dizer também que o pão e o vinho são realmente Seu corpo e Seu sangue. Senhor padre, eu não sou sábio, mas o bom senso me faz perceber que as palavras de Jesus Cristo não representam um disparate e, por isso, as entendo de outra maneira..

Ora, se tomo estas palavras como se expressassem que o pão e o vinho se transformaram em carne e sangue verdadeiros, então ao mesmo tempo em que o Senhor estava corporalmente à mesa, também estava sobre ela, isto é, que Seu corpo estava ocupando um lugar sentado à mesa e também estava, ao mesmo tempo, inteiro em Sua mão. Se as

palavras de Cristo “isto é Meu corpo” são tomadas em sentido literal, devem significar que Seu corpo inteiro se transformou em pão, e não apenas uma parte dele. Senhor padre, não me é fácil crer que um pedacinho de hóstia, que pesa apenas alguns gramas, tenha realmente sessenta ou setenta quilos de peso. Também me é difícil crer que aquilo que tem a aparência de pão e que seja ao mesmo tempo, em contradição a meus sentidos, carne e sangue. E, principalmente, repugna-me a ideia de que o povo de Deus não viva de alimento espiritual, mas de carnal.

Além disso, como Cristo também participou daquela refeição, resulta que Ele comeu a Si mesmo (!?). Se o senhor tivesse dito: “isto que vocês veem já não é pão, mas está realmente transformado na substância de Meu corpo, apesar de parecer pão”, então teria sido a obrigação de Seus discípulos crerem em Suas Palavras, mesmo que estas fossem repugnantes a seus sentidos, mas como Ele não explicou assim, eu não acho que se deva entender ao pé da letra o que Ele disse. Caso contrário, deveriam ser entendidas também ao pé da letra o que Ele disse: “Eu sou o caminho” e “Eu sou a porta”.

Quando da água fez vinho nas bodas de Caná, Ele não deu aos convidados um líquido sem sabor com a aparência e propriedades da água, dizendo-lhes que era vinho. Quando ressuscitou a Lázaro, o fez aparecer como homem vivente e não exigiu que Seus discípulos cressem que Lázaro, deitado no sepulcro sem dar sinais de vida, estivesse realmente vivo e que andava e agia como os demais seres viventes.

Além disso, o senhor sabe que o próprio Salvador nos deu a chave para entender todas as passagens deste tipo, dizendo: “O Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita, as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida” (João 6.63). Ele disse também: “Fazei isto em memória de Mim”, deixando bem claro que queria que na Santa Ceia os cristãos nos lembrássemos de Seus sofrimentos e morte por nós.

Ainda não posso deixar de perguntar se a maneira como o Senhor agiu nesta ocasião tem alguma semelhança com a maneira como os sacerdotes agem ao celebrarem a missa. Devo dizer-lhe que notei uma grande diferença entre as cerimônias da Igreja Católica e a narração simples do Evangelho; isto me surpreendeu muito.

Ao contemplar os gestos do sacerdote durante a missa, pode-se imaginá-lo representando uma pantomima (representação por meio de gestos) para divertir as pessoas, em lugar de ensiná-las a adorar a Deus em espírito e em verdade. Também gostaria de saber porque os senhores não dão o vinho ao povo, pois se Jesus mandou que Seus discípulos comessem o pão, mandou-lhes igualmente que bebessem do vinho. A estas objeções não era fácil responder e o padre Domingos limitou-se a dizer que a Igreja tinha disposto desta maneira e que, por isso, devia ser o certo. Mas André estava resolvido a ater-se apenas ao Novo Testamento e não quis ceder nem um centímetro de terreno a não, ser que fosse obrigado a isto pela citação de palavras claras tiradas do próprio Evangelho.

- Eu tenho estado pensando - prosseguiu - qual a razão porque os clérigos da Igreja de Roma mantêm este ponto com tanta obstinação, pois, segundo minha simplicidade de entendimento, devem encontrar nele mais contradição do que em qualquer outro lugar dos que defendem. Sem querer ofender-lhe, vou dizer-lhe qual me parece ser o verdadeiro motivo.

Pode ser que tenham pensando que o povo, pensando que eles são capazes de transformar um pedacinho de pão no corpo de Cristo, os olhe com veneração e, valendo-se disso, poderiam sem dificuldade tomar conta da herança do Senhor.

O padre Domingos pôs fim ao argumento de André, dizendo-lhe que era um imprudente, atrevido e caluniador e que, como não havia nenhum bom cristão que duvidasse da presença real de Cristo na Santa Eucaristia, passasse à segunda objeção.

A CONFISSÃO

A: O senhor ensina aos seus paroquianos que tem autoridade para mandar que lhe confessem os seus pecados e impor-lhes penitências a fim de lhes dar a absolvição.

P: Certamente. Existe algum bom cristão que duvide disto?

A: Gostaria que o senhor me mostrasse algum texto bíblico que apoia esta sua pretensão.

P: Então aqui está: “Se de alguns perdoardes os pecados, são lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (João 20.23).

A: Está certo de entender bem estas palavras? O senhor pode crer que qualquer padre, com a autorização deste texto, tem o direito de mandar que o povo de sua paróquia a ele se confesse, impondo-lhe penitência e absolvição de pecados?

O padre L., por exemplo, da paróquia N., que várias vezes tem sido encontrado bêbado, caído pelo caminho ou o padre M., da paróquia O., que tem uma vida notoriamente dissoluta e tem nem sei quantas mulheres. O senhor crê que homens como estes são delegados por Deus para perdoar aos pecadores? Não, senhor. Esteja certo de que tais homens, apesar de serem sacerdotes, e não se arrependem, serão lançados no lago que arde com fogo e enxofre. Mas eu desejo saber onde é que no Novo Testamento se fala da confissão feita ao ouvido de um sacerdote.

P: É Tiago que nos diz: “Confessai, pois, os vossos peados” (5.16).

A: É estranho que o senhor cite este versículo, pois as palavras que seguem tiram qualquer dúvida a seu respeito, pois o apóstolo continua dizendo: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros”, o que indica claramente que Tiago não disse nada que se parecesse com confessar-se a um sacerdote. E quem deu aos senhores o direito de impor penitências ao povo?

P: Ah! Bem que eu suspeitava! Agora está descoberto o segredo. A razão de suas queixas contra nossa Santa Mãe, a Igreja, é que você se incomoda com sua saudável disciplina.

A: Senhor, longe de mim isto, pois desde que comecei a ler o Novo Testamento meus costumes mudaram completamente, assim que eu, pela graça de Deus, já não vivo no pecado, como antes, e não temeria o que o senhor me mandasse fazer como penitência, mas eu gostaria de saber em que parte do Novo Testamento os senhores encontram autorização para isto.

P: Você não lê o que disse São Paulo: “Seja entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”? (1 Coríntios 5.5).

A: O mesmo apóstolo São Paulo explica-se nas palavras que seguem: “Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor” (1 Coríntios 5.13). Parece que o sacerdote erra presumindo fazer o que o apóstolo manda que o conjunto de cristãos deveria fazer e que, quando o sacerdote requer que as pessoas mortifiquem, o seu corpo comete um erro grande, pois não lemos “mandai-lhe penitências”, mas “expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”.

P: A penitência canônica é muito saudável e consegue uma finalidade muito importante.

A: Pode ser importante para o clero porque mantém o povo submisso e faz com que o povo tema mais ao sacerdote do que a Deus e, dizendo isto, não estou faltando na verdade, pois quebra os mandamentos de Deus todos os dias. Mas, seja como for, o povo tem que obedecer às ordens que lhe dão os sacerdotes. Eu, por exemplo, lembro-me de ter confessado que me tinha embebedado e o senhor me impôs uma penitência bem leve; mas, em outra ocasião, tendo ido ouvir um sermão não pregado por um dos senhores, recebi uma penitência bem mais pesada, pois permanecia ileso a sua autoridade. Parece, pois, que a penitência que nos é imposta é mais em desagravo do clero ofendido do que como pena devida ao pecado e que serve para evitar mais que o povo desobedeça ao sacerdote do que evitar que ofenda a Deus.

Agora, diga-me, padre, o senhor acha que ouvir um sermão é mais grave do que embebedar-se? Eu acho que não, mas entendo que, ouvindo tal sermão, eu estava exercendo

meu juízo em prejuízo da autoridade do clero e que em embebedar-me eu estava transgredindo um dos mandamentos de Deus; isto lhe interessa pouco. Parece, pois, que a penitência que nos é imposta é mais em desagravo do clero ofendido do que como pena devida ao pecado e que serve mais para evitar que o povo desobedeça ao sacerdote do que evitar que ofenda a Deus.

O senhor disse que a penitência é saudável, mas como? Para que serve? Evita que o povo cometa os pecados escandalosos? O senhor sabe muito bem que não. Os senhores podem assustar os tímidos fazer-lhes observar escrupulosamente a Quaresma e as festas da Igreja, como também fazer com que não se ajuntem com os que os senhores chamam de hereges, mas não podem por este meio torná-los sóbrios, castos, nem honrados. Então, para que serve a penitência? E que necessidade temos de sua absolvição? Se é Deus que nos perdoa, então para que ir ao sacerdote para buscar a sua absolvição? E se Deus não nos perdoa, a absolvição que um homem nos pretenda dar não pode livrar-nos do castigo que os nossos pecados mereçam.

P: Repito-lhe o que já lhe disse. Você é um tonto. A Igreja resolveu tudo antes que nós nascêssemos. Assim como você não pode mexer nos fundamentos do mundo, também não pode derrubar a infalibilidade da Igreja.

André cria que a divina revelação merecia o nome de infalível, mas não a Igreja que o padre Domingos assim chamava, e como estava resolvido a não admitir ponto algum que não pudesse ser provado pela divina revelação, a Santa Palavra de Deus, não pôde concordar com ele neste assunto e tiveram que deixá-lo de lado e passaram à

EXTREMA UNÇÃO

P: Sobre isto não há o que discutir, porque Tiago nos diz claramente: “Está algum entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor (Tiago 5.14). Que tem a dizer contra isto?”

A: Só tenho a dizer que o senhor não citou a passagem completamente e, desta maneira, tem ocultado o verdadeiro sentido em que o apóstolo falou, o que acrescenta: “E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se tiver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”. Pois bem, ainda que eu não entenda perfeitamente esta passagem, vejo nela o suficiente para dizer-lhe que o senhor não a interpreta corretamente. O senhor unge uma pessoa sob a sua proposição que ela está morrendo e, com isto, pensa estar dando-lhe um passaporte para o céu.

Se ele recobrar a saúde, acham que é necessário ungi-la novamente, caso esteja outra vez às portas da morte. Até uma criança poderia ver que Tiago está falando da eficácia da fé para curar um enfermo, após ser ungido com azeite, orando por ele os anciãos da igreja; assim que, a unção dos senhores e a de Tiago, são inteiramente diferentes. Lembro-me que faz uns cinco anos achei que eu estava a ponto de morrer e mandei chamá-lo rapidamente, pensando que eu seria condenado ao inferno, caso eu não cumprisse com os mandamentos da minha igreja. A cama na qual eu estava entendia tanto de religião como eu, naquela época, mas o senhor não ligou para isso: deu-me os óleos e disse-me que certamente eu iria ao céu. Mas agora eu tremo ao pensar que, se tivesse morrido naquela ocasião, eu estava inteiramente perdido e sem remédio; sinto-me horrorizado em pensar no perigo que eu corria e não posso pensar na misericórdia de meu Salvador sem que um sentimento profundo de gratidão me faça derramar lágrimas e louvá-LO desde o fundo do meu coração.

P: Você é um presunçoso e garanto-lhe que, se um sacerdote não lhe der os santos óleos antes de morrer, sem dúvida, você irá para o inferno.

A: Esteja certo de que eu não os pedirei. Não encontro menção nenhuma deles nas Escrituras Sagradas e se eu morrer confiando nos méritos do meu Salvador não terei ser excluído do céu. Creia o senhor que eu estou livre do medo da morte.

P: Louco!

A: Enquanto eu vivia no pecado, o senhor nunca me chamou de louco. Só agora que eu estou procurando viver de acordo com a Palavra de Deus.

P: Deixemos de tolices. Vamos a outro assunto. Parece que, desde que está lendo o Novo Testamento, também não acredita no

PURGATÓRIO.

A: Não encontro nenhuma palavra a seu respeito no referido Livro.

P: Não? Pois é muito estranho já que homens sábios encontram muitas. Como você entende as palavras de São Paulo; “Qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará” (1 Coríntios 3.13)?

A: Seu sentido é, a meu ver, tão claro que qualquer pessoa de inteligência média facilmente as entende. Se o senhor examinar a passagem, verá que o apóstolo fala de várias doutrinas que diferentes ensinadores podem ensinar depois de ter sido lançado o alicerce da verdade. Algumas delas, isto é, as boas, são comparadas ao ouro, à prata e às pedras preciosas; por outro lado, as más ou errôneas assemelham-se à madeira, ao feno e à palha.

Então o apóstolo diz que tudo isto será submetido à prova e o que melhor do que o fogo para fazer esta prova? E o que é que isto tem a ver com a ideia de que haja um lugar para purificar as almas para depois irem ao céu?

O padre pegou o Livro e leu o texto, comparando-o com a explicação que André tinha dado e teve que confessar que André tinha razão em parte, mas disse-lhe que só superficialmente, pois que a Igreja, que o tinha examinado profundamente, tinha declarado existir um purgatório e que tal declaração era suficiente.

A: Não leve a mal, se lhe disser o que penso disto. Ninguém sustentaria que existe um purgatório e não houvesse vantagens financeiras para o clero. Lembro-me de ter pago ao senhor para rezar missas a fim de tirar dali as

almas de parentes e de conhecidos meus. Mas se o senhor tem o poder de tirá-las dali, rezando missas, então deve fazer isto em compaixão dos infelizes atormentados pelo fogo, sem exigir que se lhe pague por seu trabalho. mas vendo que essas missas têm que ser pagas (e adiantadamente), suspeito que o verdadeiro motivo de pregar a doutrina do purgatório seja aumentar a renda do clero. E não posso persuadir-me que o façam de boa fé, enquanto não os vejo diligenciar em aliviar as almas, que dizem estar penando, sem esperar esmolas e doações.

E, mesmo que os senhores dessem provas de sua sinceridade, nem por isto deixaria eu de impugnar esta doutrina, porque além de outras graves objeções, a maior é de atribuir ao purgatório uma virtude que todos sabemos ser exclusiva da morte propiciatória de Jesus Cristo, conforme nos diz São João: “O sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1.7). Isto seria falso se o purgatório tivesse sua parte na purificação das almas.

P: Torno a dizer-lhe que você é um grande tolo e nem vale a pena conversar com você, enquanto crer que sabe mais do que a Igreja.

A: Não conheço guia superior à Palavra de Deus e nem posso admitir nada que não concorde com ela.

Não lhes sendo possível estar de acordo com o assunto do purgatório, acharam por bem passar a

O CULTO DOS SANTOS.

A: O senhor pode justificar com provas tiradas do Novo Testamento o costume de orar aos santos?

O padre Domingos ficou parado, sem poder responder, pois jamais tinha visto isto na Sagrada Escritura. Fez uma ligeira referência a uma petição que o rico dirigira a Abraão, estando em tormentos, mas o exemplo de um condenado pouco era para ser usado como exortação para que os fiéis imitassem e, assim, entrincheirou-se novamente na infalibilidade da Igreja Católica e pediu que André prosseguisse com suas objeções.

A: Muito poderia dizer - prosseguiu André - sobre os títulos que são dados à virgem Maria, chamando-a de Arca da Aliança, Refúgio de pecadores, Porta do céu e outros muitos. Poderia falar sobre os rosários, a água benta e outros absurdos, mas prefiro tocar no ponto principal e que é:

AS BASES EM QUE OS PECADORES PODEM RECONCILIAR-SE COM DEUS.

A: Antes de eu ter lido este precioso Livro, pensava que, se não fizesse nenhum pecado grave e assistisse pontualmente na igreja, cumprindo com meus deveres (como costumam dizer) eu era um bom cristão e esperava entrar na glória, caso na hora de morrer me reconciliasse com a Igreja. Tendo lido o Novo Testamento, vi que eu não era tão bom como pensava ser. A divina sabedoria que nele está me ensinou que todos os homens somos pecadores diante de Deus; que pelos pecados que temos cometido merecemos a condenação eterna e que, por natureza, somos maus e corrompidos. Ouça o senhor algumas citações a respeito: “Para que se cale toda boca e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Romanos 3.19), “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Romanos 3.19), “a carne milita contra o Espírito e o Espírito contra a carne” (Gálatas 5.17), “porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a blasfêmia, a soberba, a loucura” (Marcos 7.21-22).

Deus também me faz saber que, os que se salvam, conseguem isto pela Sua graça, mediante a morte e os méritos de Cristo, sem terem eles mérito nenhum. É o que dizem estas passagens: “Mediante a fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem... sendo justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a Quem Deus propôs, no Seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a Sua justiça, por ter Deus, na Sua tolerância, deixado impunes os pecados

anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3.22, 24-26), “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a Sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tito 3.5).

Ensina igualmente que somente pela fé pode ser obtida tal salvação. Poderia citar muitas passagens, mas creio que as seguintes são suficientes: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Romanos 3.28), “justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.1), “pela graça sois salvos, mediante a fé” (Efésios 2.8).

Vejo neste santo Livro que os que têm esta fé preciosa estão unidos por ela a Cristo, da mesma maneira como os ramos estão unidos ao tronco ou um membro com o corpo; que resistem constantemente ao pecado, por pequeno que pareça; que vencem o mundo; que são zelosos de boas obras e que se dedicam a Deus.

Para provar isto não é necessário mais que abrir o Novo Testamento. Sem dúvida, o senhor mesmo dirá que esta doutrina é santa e verdadeira. Encheu-me de consolo, consolo tão doce, que não o trocaria por todo o ouro deste mundo.

Ao falar assim, André se inflamou e em seu coração sentiu um amor tão ardente pelo padre Domingos, como tanta compaixão por ele e pelos seus paroquianos, que não pôde contestar e exclamou:

- Quando eu considero o estado crítico em que o senhor se encontra, professando estar ensinando a pecadores o caminho da salvação, não entendo o verdadeiro sentido das palavras de Deus e, quando penso que o senhor terá que prestar contas no dia do juízo das almas que tem deixado perecer em sua ignorância ou que tem seduzido com os seus enganos, parece-me que deveria chorar de lágrimas de sangue pelo senhor; se, sacrificando minha própria vida, pudesse salvá-lo da tremenda sorte que o aguarda, com

prazer o faria. Mas isto, senhor padre, não beneficiaria a sua alma; é necessário que medite em seu caso e...

Irritadíssimo, o padre se levantou e o interrompeu. Perguntou-lhe como se tinha atrevido a insultá-lo desse modo e lhe disse que, se tivesse previsto o que tinha acontecido, certamente não teria entrado em sua casa. Depois, dirigindo-se aos familiares de André, lhes perguntou:

- E vocês, querem seguir esta descarado em sua apostasia?

Todos, com exceção da filha maior, lhe responderam sem titubear que, se antes tinham dúvidas, o que acabavam de presenciar os tinha convencido que André tinha razão e sua reverência não.

- Sendo assim, admoesto-os que, se não se arrependem, os excomungarei no próximo domingo.

Tendo dito isto, o padre pôs o chapéu, saiu da casa, bateu a porta, montou em seu cavalo e foi-se embora. Pelo caminho pensava consigo mesmo: Isto deve assustá-lo e se não assustar a ele, pelo menos assustará a sua mulher e filhos; e, mesmo que não aconteça isto, será necessário tratá-los com severidade para exemplo dos outros e evitar que sigam seu exemplo.

Mas a André não assustaram as ameaças do padre, pois bem sabia que este não podia fazer-lhe mal algum. Entretanto, lamentava que uma pessoa, que se dizia ministro de Cristo, não compreendesse o sentido de suas palavras e estivesse tão pouco possuída do espírito de Seu Evangelho.

Por sua vez, o padre Domingos, vendo que André e sua família não cediam, levou a efeito sua ameaça e os excomungou no domingo seguinte, com exceção daquela filha a respeito da qual alimentava esperanças, afastando-os por aquele ato da Igreja, a que ele chamava de Jesus Cristo.

Quando André ficou sabendo, não pôde senão sentir dó daquele homem, que pensava que com tal ato o prejudicaria de alguma maneira. André conhecia muito bem as pessoas daquela igreja, cujos costumes eram geralmente muito depravados ao ponto de não pode olhar para eles e vê-los

como pertencentes à verdadeira Igreja de Jesus Cristo, que se distingue pela santidade.

André estava certo que, ainda que tivesse continuado em pecado, o padre Domingos jamais o teria excomungado e que agora estava olhando com enfado só porque mantinha-se convertido à verdadeira religião cristã. Não se assustou, antes se regozijou por ser objeto de escârneo por amor do seu divino Mestre, a Quem pedia para sofrer os insultos e a perseguição que o esperavam, sem mostrar-se ofendido e nem impaciente.

Lendo o Novo Testamento, notava várias referências a outro Livro, de que não tinha conhecimento algum; mas percebia que, sem este, não lhe era fácil entender várias passagens daquele, ou melhor dito, que era impossível.

Muito desejava saber como se chamava o tal Livro e, crendo que a boa senhora que lhe dera de presente o Novo Testamento poderia informá-lo, resolveu perguntar-lhe sem perda de tempo.

Também queria agradecer-lhe por seu precioso presente.

Aproveitou, pois, a primeira ocasião para se encontrar com ela e mostrar quão agradecido estava por sua bondade, suplicando-lhe, ao mesmo tempo, que o informasse onde poderia adquirir o Livro a que havia referência em muitos lugares do Novo Testamento, pois via claramente que, sem tr este outro Livro, não poderia entender várias passagens do Novo Testamento.

A senhora lhe disse que o livro a que se referia era o Antigo Testamento, que contém as Sagradas Escrituras que foram publicadas antes da vinda do Senhor Jesus Cristo e prometeu-lhe um exemplar completo dos dois Testamentos e não demorou muito tempo para que André tivesse o privilégio de possuir a Bíblia completa.

.oOo.

Capítulo 4

*A família de André adquire um excelente costume.
Incêndio em sua casa.
Atentado contra André.*

Já fazia algum tempo que André achava ser sua obrigação, como pai de uma família cristã, introduzir em seu lar o costume de orar reunidos como família. Estava compreendendo que seria imperdoável omitir tal sagrada obrigação.

Desde que estava procurando a sã instrução divina em Sua Santa Palavra, André passava todos os dias algum tempo em oração particular. Jogou fora os rosários e encantamentos “às toupeiras e aos morcegos” (Isaiás 2.20) e continuou orando com simplicidade, buscando em Deus o atendimento de suas necessidades e seu desejo de conseguir a bênção.

Ainda que pudesse continuar fazendo isto sozinho, tinha receio de não poder fazê-lo com sua família; não conhecia formas de oração e nem sabia se elas deviam ser usadas; assim, estava perplexo de um lado, duvidando de sua capacidade, e sentindo de outro lado a sua responsabilidade e obrigação em relação à família.

Um dia, conseguiu superar suas dúvidas, e dirigiu-se à sua família com estas palavras: Meus queridos, pela misericórdia de Deus, temos chegado ao conhecimento da verdade, mas estou achando que não é suficiente que cada um de nós sozinho dê glória a Deus. Devemos fazê-lo todos juntos, em família. O sinal que mais distingue as famílias que têm o temor de Deus das que não o têm é de aquelas invocarem Seu Santo Nome. Já faz muito tempo que venho pensando nisto, mas sem decidir-me a começar este costume entre nós, achando-me incapaz para tal. Entretanto, tenho percebido agora que o principal obstáculo tem sido realmente meu amor próprio e estou resolvido a não demorar mais em pôr em prática o que Deus exige de mim, como pai de família. Começemos esta mesma noite.

Todos concordaram e, terminado o jantar, André abriu seu Novo Testamento e leu no capítulo 3 do evangelho segundo São João, sendo este um capítulo cuja leitura lhe tinha sido muito útil. Fez algumas observações à medida que ia lendo e, ao terminar, todos se ajoelharam e ele fez uma oração. A fez com as palavras que lhe brotavam dos lábios, dando graças ao Pai de misericórdias pela alimentação, pelo vestuário e pelo lar. Principalmente, orou pelo grande amor por Deus ter enviado o Seu Filho ao mundo e por ter concedido a ele e à maior parte de sua família os benefícios ainda mais preciosos de Sua graça, enquanto que muitos dos que os rodeavam continuavam num estado de total ignorância.

Orou fervorosamente por seus amigos e por seus inimigos, caso os tivesse, e especialmente pelo padre Domingos. Rogou insistentemente por este e pelos seus paroquianos, pedindo ao Senhor que derramasse sobre todos estes os benefícios de Seu Evangelho. Dizendo um amém, todos se levantaram.

Naquela noite, André teve oportunidade de reconhecer a misericórdia de Deus em preservar àqueles que põem nEle a sua confiança. Achou estar sentindo cheiro de fumaça em sua casa e, realmente, ao procurar, encontrou um princípio de incêndio num dos quartos, resultado de um faísca ter caído num monte de palha. Instantaneamente, o apagou sem dificuldade e, dando graças de Deus, autor de todo o bem, por tê-los protegido de um incêndio que poderia ser fatal para eles, voltou para a cama sem dizer nada a ninguém até a manhã seguinte.

Então, estando todos reunidos, contou-lhes o que tinha sucedido, mostrando-lhes a palha meio queimada e ressaltando o risco a que tinham estado expostos, exortando-os a reconhecerem a bondade de Deus que, por Sua divina providência, os tinha libertado do perigo que os ameaçava. Antigamente, teria parecido uma simples coincidência, mas agora via em tudo a mão protetora de Deus e O reconhecia com a mais viva gratidão.

Indo André pela estrada em direção a seu serviço, encontrou-se com um rapaz robusto, filho de um conhecido seu, deitado na grama e, pelo que tudo indicava, sem ter o que fazer.

- Alô, Tomé! - lhe disse.- Que há com você? Não vai trabalhar hoje com um dia tão bonito? Está doente?

- Não, não estou doente.- respondeu-lhe o rapaz. Não vê que hoje é o dia de Nossa Senhora?

- E o que temos nós com isso?

- Que temos? Preferiria perder a minha mão direita do que trabalhar num dia de festa como hoje.

-Mas, diga-me - replicou André. - Eu não vi você semear batatas num domingo de primavera passada, junto com vários companheiros seus?

- Pode ser. O padre Domingos nos autorizou a fazê-lo.

- Então a quem você crê que se deve dar mais respeito: a Deus ou à Virgem?

- Acho que é a Deus.

- E porque você trabalha sem escrúpulo no dia do Senhor e guarda tão escrupulosamente os dias da Virgem?

- Eu não sei. Faço o que o padre Domingos me diz.

- Coitado do padre Domingos! - exclamou André. - De quantas almas enganadas terá que prestar contas!

- Eu não tenho nada com isso - disse o rapaz. - Eu obedeço aos clérigos e, se eles me enganam, a culpa está com eles e não comigo.

- É verdade que eles têm culpa - respondeu-lhe André, mas não creia que isto deixa você sem culpa. Cada um terá que responder por si mesmo e Cristo diz que, se um cego guiar a outro cego, os dois cairão no abismo.

- Tome conta da sua vida e não da minha. Acho que o padre Domingos, que sabe falar latim, entende destas coisas melhor do que você.

Dito isto, levantou-se e foi embora, orgulhoso da resposta que tinha dado.

- Coitado! - disse Andre consigo mesmo.- Chegará o dia em que você conhecerá a verdade do que acabo de dizer-lhe. Deus permita que não seja tarde demais.

No dia em que o padre excomungou a André e à sua família falou muito em heresia e não deixou de insinuar que matar a um herege não seria pecado mortal; antes, se não mente a voz do povo, apresentou tal ato como meritório. Aconteceu que entre os ouvintes havia um tal de Jaime Nowlan, que tinha uma diferença com André por ter sido preferido no arrendamento de umas terras. Jaime estava disposto a fazer pagar caro ao André tal preferência. Quando Jaime ouviu que André era considerado um herege pelo sacerdote, pensou consigo mesmo: Agora chegou o dia de vingar-me deste patife.

O padre disse que um herege deve ser considerado como um gentio e um publicano; em meu conceito isto é tão mau como o próprio demônio. Se estivéssemos na Espanha ou em Portugal, ele seria queimado vivo por ser um inimigo da Igreja, mas neste nosso país é contra a lei (maldita seja esta lei!) queimar os hereges.

Contudo, se André merece ser queimado e as más leis o impedem, seria até uma coisa boa dar-lhe uma surra de maneira que dela se lembre enquanto viva e até mesmo depois. Isto seria considerado como um mérito por Deus a meu favor, embora eu possa ser talvez molestado pela atrocidade dessas leis que não permitem a nós, os bons católicos, castigar os malvados hereges. Esse cachorrão vai ver.

Tendo pensado nisto, resolveu na noite seguinte ir à casa de André e dar-lhe o merecido castigo por ter sido tão ingrato com a Mãe Igreja. No tempo marcado, saiu de casa, atravessou o campo e chegou à porta da casa de André aproximadamente às oito da noite, precisamente quando André terminava a leitura de um capítulo da Bíblia e, como de costume, punha-se de joelhos, acompanhado de sua família, para dar graças a Deus pelos benefícios do dia e implorar a continuação de Seus favores.

Jaime parou alguns momentos junto à porta para inteirar-se do que estavam dizendo ou fazendo lá dentro e, de repente, ouviu uma voz que lhe era familiar.

Reconheceu a voz de André, mas não era num tom de estar falando com outro ou de dar ordens, mas de uma maneira que nunca tinha ouvido antes. A curiosidade levou-o a escutar o que estavam dizendo, tanto é assim que esqueceu-se do que até então tinha intentado fazer. Escutou-o dando graças a Deus por todos os benefícios que desfrutavam e principalmente por terem sido redimidos do pecado e preservados da morte, mas o que mais estremeceu Jaime foi que André estava orando por seus inimigos nestas palavras: - Oh, Senhor! Se temos inimigos, rogo-Te que os perdoes, sejam quais forem seus projetos ou pensamentos contra nós. Concede-lhes que participem da Tua salvação e ajuda-nos a que em todas as ocasiões lhes devolvamos bem por mal.

A oração continuou por mais algum tempo, ficando Jaime Nowlan mais e mais admirado, até que, terminada a oração, estava desejoso de dar um abraço a quem tinha resolvido dar uma surra. Pelo que o padre Domingos tinha dito, Jaime cria que André estava inteiramente entregue a toda espécie de maldades e que tinha apostatado da fé cristã, mas viu que era o contrário. Perguntou-se a si mesmo: - É este um homem herege? Se é, o que são, então, os cristãos? Certamente não serão os paroquianos do padre Domingos. Oxalá que todos os que se chamam cristãos, até mesmo o padre, fosse como André! O mundo seria outro.

Imediatamente resolveu renunciar às suas más intenções e começou a culpar-se severamente por ter pensado em maltratá-lo.

- Fazer-lhe mal! - exclamou. - Não o permita Deus! Estou disposto a perder o braço direito a levantá-lo contra um homem como este.

Jaime ia voltar para sua casa quando, pensando melhor, resolveu entrar na casa de André e dizer-lhe porque estava ali e pedir-lhe perdão. Bateu à porta. Abriram-na e convidaram-

no a entrar, sem suspeitar de nada. André o cumprimentou como um velho conhecido e o convidou amigavelmente a sentar-se junto à lareira.

- Você sabe que o padre Domingos maldisse a você e à sua família no domingo passado na igreja? - perguntou-lhe Jaime.

- Sim, estou sabendo - respondeu André. - Tenho compaixão deste padre e de coração rogo a Deus que o perdoe.

- Mas você não tem medo da maldição de um sacerdote?

- Não porque sei que Deus me abençoa.

- Você sabe que esta noite eu vim para dar-lhe uma surra, considerando-o um herege e a vingar-me, ao mesmo tempo, por causa daquelas terras?

- Quanto à questão de heresia - replicou André - é herege quem se afasta da lei de Deus e eu não temo as consequências que possam vir de manter-me fiel a esta lei, apesar de todos os clérigos do mundo contra mim. Em relação ao outro assunto, só devo dizer-lhe que eu não faltei nem à justiça e nem à amizade. Mas se você acha o contrário, estou pronto a ceder-lhe agora mesmo as terras com todas as melhorias que tenho feito nelas e ocupar as que você está usando, se o proprietário assim o permitir. Ainda que tenho que sustentar a minha família, estou pronto a abandonar o que tenho e confiar em Deus, que me protegerá, do que dar a alguém motivo de queixa contra mim.

Jaime olhava para o bom homem com uma espécie de veneração.

- Deus não permita que eu lhe tire as terras, meu amigo. Você as conseguiu honestamente e tem procedido corretamente. Fique com elas. Só lhe peço que me perdoe o mal que intentei fazer-lhe e me considere como seu amigo.

- É claro que o perdoo - replicou André.- E rogo a Deus que lhe faça reconhecer o seu estado, como me fez reconhecer o meu, e que Sua graça o converta a Deus.

Jaime não entendeu bem o que André queria dizer com aquelas palavras, no entanto creu que seria um bom desejo

em relação à sua pessoa e que seria de proveito, e acrescentou um Amém que saiu de seu íntimo às palavras de André, pois estava muito comovido pelo que acabava de ver e de ouvir.

Então disse a André qual era a razão que o tinha feito mudar de propósito e lhe perguntou se costumava orar com sua família, como tinha presenciado naquela noite.

Ouvindo a resposta afirmativa, pediu licença para vir de vez em quando.

- Venha quando quiser - disse-lhe André.- Se você tiver paciência com minha falta de prática.

- Isso não - respondeu Jaime. - NUNCA OUVIUMA ORAÇÃO QUE FIZESSE MAIS VIVA IMPRESSÃO QUE A DESTA NOITE. Veja o caso do padre Dpomingos. EU NÃO ENTENDO NEMUMA PALAVRA DO QUE ELE DIZ PPORQUE SUS ORAÇÕES SÃO EM LATIM EESTÃO FORA DO ALCANCE DE UMA PESSOA COMO EU. Creio que o melhor seria passar o tempo em casa. E vou dizer-lhe que nunca consegui compreender porque se deve rezar uma lpingua estrangeira na igreja. Porque as as orações não podem ser feitos, num bom inglês, ou hum bom português ou no espanhol. Não valeriam o mesmo que s feitos em latim? Se feitas em nossa língua, entenderíamos o que xdiz\em o ssacerdotes.

- Você tem toda a razão, Jaime. Temos estado merguklhados na igt norância por muito tempo e agora devemos começar a pensar por nós mesmos.

Finalmente, disse-lhe que todas as noites, na mems hora, com a ajua de Deus, os enontaria ocupados da maneira como ostinha visto naquela noite e lhe garatiu que se alegrariam em vê-lo e eu, se quisesse chegar um ppouco mais cedo, poderia participar de seu príoprio jantar. Jaime lhe agradeceu e se despediu. Ao voltare para casa, não pôde deixar de pensar nos aontecimentos daquela noite. Com estes penamentos decgu à sua casa e deitou-se.

Sai de casa - dizia consigo mesmo - b disposto a maltratar a André Dunn e poderiaté mesmos tê-lo deixado morto. Mas agora volto para casa, não só sem ter tocado no

cabelo desua cabeça, msd até cheiode admiração e com remorso BA consciêbnia por ter penado em faer mal a este homem. Não sei como vai acabar isto. Neste momento, m estou mais disposto a seguir a André do que ao padre. Lewm vbro-me agora, embora não tivesse reparado antes, que o padre parecia estar muiktoi alterado quando falava de André na igreja, mas André, pelo contrário, é toda mansidão e compostura. Parece que André Dunn tem mais de criatao em seu gênio e comportamento do que o padre Domingos.

Com estes peanmentos deitou-se, ms não conseguiu dormir imediatamente.

Os fatos do dia ocupavam sua mente: seu operverso intento contra André, oração do bom hoime, sua doçura, seu comportameno... Pouco dormiu naquela noite.

N odia seguite, enqunato trabalhava, ontinuava pensando naquees acontecimentos. De noite, foi novamente à casade André para unir-se om eles em suas orações. André orou por seu amigo, pedindo a Des que o iluminasse e seu entendimeno e He desse o conhcimento perfeito da verdade.

Aós a oraç;ao, falaram muito sobre assunto espirituais e os dois estavam tão netretidos no assunto que não repararam que as horas estavam passadno. Já era quase meia noite quando se separaram. nã conhecemos os pormenores da conversa, mas consta que não foi um mero debate sobre qual das igrejs era a verdadeira. Seu assunto foi *o que deve fazer o pecador para salvar-se, quando está convencido de que merece o castigo divino por ser eu coração inteiramente mau.*

André mostrou a Jaime, através de itações de versículos bíblicos, que todas s penitências que pudesse faer, todas as mkortificações a que se submete-se e toda as orações que pudesse dizer durabte toda a sua ida não seriam suficientes para reconciliá-lo com Deus. E é só por crer em Jesus Cristo, que derramou Seu sangue para nossa salvação. Mostrou-lhe que o amor de Cristo leva o verdadeiro crente dedicar-se a Seu erviço, de maneira que

não vive mais na prática do pecado, mas passa a aborrecê-lo, recua-o e vence-o.

Estes foram os pontos de que se tratou com mais insistência naquelanoite e Deus inclinou o coração de Jaime a admitir as verdades que tinha estado ouvindo. Assim, André teve logo a satisfação de vê-lo pôr sua esperança em Jesus Cristo e renunciar a seus pecados.

Este Jaime Nowlan tinha sido um sujeito muito briguento; costumava ir às feiras e promover brigas entre as pessoas, alegrando-se uado via uns brigando com os outros. Era muito forte e carregava sempre um grosso grrote, chamado “shilelá” pelos irlandeses, sendo o seu conhecido Omo o garrote de Jaime.

Com este garrote já tinha derfrubado a muitas pessoas, poucos o viam sem medo. Mas este homem bruto como leão, temido por todos, mudou de tal maneira pelo poder do Evangelho que passou a ser manso como um cordeiro, cumprindo-se nele as palavras do apóstolo São Paulo: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eiaque se fizeram novas” (2 Coríntios 5.17).

houve mudança até em seu semblante; antes tinha um aspecto feroz e denotava claramente a crueldade de seu coração, mas, após sua conversão ao evangelho, sua fisionomia demonstrava a serenidade de sua alma.

Uma noite trouxe aquele famoso garrote à casa de André e lhe disse que estava disposto a queimar na sua presença aquele instrumento que tantos ezes tinha sido uado no serviço do Diabo demônio.

- Com ele - disse-lhe - é que vim à sua casa, disposto a dar-lhe uma surra naquela noite e acho que este é o lugar mais

Apropriado para ser queimado. Ao falar assim, chegou-se à lareira e atirou-o ao fogo. Vendo-o arder, disse:

- Bendito Redentor, estas mãos têm sido muito usadas para o mal e estes olhos têm contemplado com prazer coisas que deveriam encher-me de horror, mas por Tua graça me tens ensinado a aborrecer tal maldade. Agora, não desejo outra

coisa senão alegrar-me na Tua salvação, confiando nos méritos de Tua preciosa morte, morrer para o pecado e consagrar-me à Tua causa.

O coração de André encheu-se de gozo e bem disse a Deus.

.oOo.

Capítulo 5

*A família de Jaime se converte.
Um estrangeiro doente é amparado.
Morre o padre Domingos.*

Tendo Jaime Newlan recebido o perdão de seus pecados pela fé em Cristo, desejava que sua família também participasse desta mesma bênção. Esperando que Deus se dignaria abençoá-los convidou-os a acompanhá-lo à casa de André para a atardicional oração à noite. Seus parentes mostraram muita relutância em ir e, durante alguns dias, negaram-se terminantemente a acompanhá-lo.

Observaram a grande diferença no caráter de Jaime, pois em lugar de ser um briguento e bêbado, como antes, agora ficava em casa e fazia tudo que lhe era possível para sua família estar bem.

Não podiam enxergar que André Dunn tinha feito (assim diziam eles, ignorando que era obra de Deus) em algumas semanas o que o padre Domingos não tinha podido fazer com todas as suas pregações, penitências e aspersões de água benta durante vinte anos. Não sabiam explicar esta transformação e, realmente, tinham curiosidade que, se não fosse um temor supersticioso, o teriam levado à casa de André.

Finalmente, resolveram ir. André orou com toda a simplicidade e não houve olhos na pequena congregação que não ficassem cheios de lágrimas ao ouvi-lo. Na noite seguinte aconteceu a mesma coisa. Sem entrar em pormenores, basta

dizer que a família de Jaime Nowlan logo começou a experimentar os efeitos benéficos e poderosos do Evangelho e demonstrou a realidade de sua conversão a Cristo, deixando o pecado e vivendo de maneira santa o que fez despertar em André a mais viva gratidão com Deus. Logo teve a satisfação de ver a sua filha mais velha renunciar ao papismo, por estar intimamente convencida dos seus erros, de maneira que toda esta pequena família vivia agora em perfeita harmonia.

Todos os domingos, as duas famílias se reuniam para adorar a Deus. André, após fazer uma pequena oração, pedindo a Deus que abençoasse o seu ajuntamento, costumava ler um capítulo da Bíblia, ou então pedia a seu filho que o lesse e, terminada a leitura, chamava a atenção dos presentes para as partes mais importantes do que tinham lido, procurando explicá-las de tal maneira que se fortaleciam em sua fé e vivessem de maneira mais cristã. Terminavam com uma breve oração.

Durante algum tempo, só estas duas famílias atreviam-se a reunir-se deixando o pecado e adorando a Deus em espírito e em verdade, sem praticar as cerimônias inúteis do papismo. Seus conhecidos não se atreviam a unir-se a eles, temendo as maldições do padre Domingos. Por sua vez, estas duas famílias tinham que sofrer a zombaria e até a inimizade de alguns por causa de sua constância em servir a Deus, de acordo com as Sagradas Escrituras. No entanto, passada a primeira impressão causada pelas ameaças do padre, começaram os vizinhos a pensar na grande mudança que estavam notando nos costumes de André e especialmente nos de Jaime Nowlan.

Admiravam-se também da boa ordem que reinava nas duas famílias, da boa amizade que as unia, tão diferente do ódio com que antes se olhavam, e também na melhoria que estava havendo em sua vida. Estavam esperando, diante da ameaça do padre Domingos, que Deus manifestasse a Sua raiva contra a heresia de André, destruindo a sua casa ou fazendo-lhe perder a colheita. Mas, em lugar disto, André

estava prosperando mais do que nenhum outro de seus vizinhos.

E não é de estranhar, pois a religião verdadeira afeta tanto a vida temporal quanto a espiritual, pois sua mulher e seus filhos, que antes eram tão ociosos, dedicaram-se a trabalhar e o tempo que antes gastavam na ociosidade ou nas diversões, agora era ocupado de maneira útil. Compraram tornos, com os quais fiavam linho e daqui lhes vinha o sustento regular, de maneira que na casa de André começaram a aparecer sinais de uma certa comodidade que antes não tinham tido.

Enquanto ele estava trabalhando na fazenda do patrão e seu filho cuidava das terras que tinham arrendado, sua mulher e suas filhas fiavam alegremente em seus tornos. Muitos, vendo isto, fizeram uma melhor opinião a respeito de André e, após algum tempo, pessoas se atreveram a assistir suas reuniões aos domingos pela manhã em sua casa. Outros, desejosos de saber o que se fazia nestas reuniões, mas temerosos de entrar na casa de quem tinha sido amaldiçoado pelo sacerdote, escutavam do lado de fora, através das janelas e, pouco a pouco, foram adquirindo ânimo até que, por fim, entraram também. Coimo André limitava-se somente ao ensino das Sagradas Escrituras e exortava aos presentes a não submeter-se a outra orientação senão somente a Deus através do Seu Livro, não tardou em ver os frutos de seus fracos esforços. Preocupava-se em fazer ver-lhes que não estava introduzindo uma novidade, mas que desejava instruí-los no sentido verdadeiro das palavras de Deus; que deviam deixar as tradições dos homens e ler a Santa Bíblia, como se antes não tivessem sabido nada e que, se assim fizessem, achariam nela tudo o que é necessário para a salvação de sua alma.

Nesta época, um vizinho religioso lhe deu um presente que muito lhe agradou. Era um hinário. Ele mesmo lhe ensinou algumas músicas, que muito agradaram a André e, a partir de então acrescentou o cântico de hinos aos atos de seu culto a Deus e logo os presentes aprenderam também e o

acompanhavam nos cânticos. Isto lhes pareceu de acordo com o que São Paulo diz aos Efésios 5.19: “Falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais”.

Houve uma grande mudança de costumes. Alguns anos antes, André e sua família costumavam ir a todas as feiras e diversões noturnas que havia naquele país e eram os primeiros a cantar canções desrespeitosas. Era muito diferente do que hoje faziam, cantando ao Senhor. Agora conheciam a maldade de tais pensamentos antigos por amor aos quais tinham-se exposto à condenação eterna. Quando se lembravam, do que Deus tinha operado a seu favor, derramavam lágrimas de ternura e de gratidão, por estarem livres da perdição pela graça não merecida do Senhor.

Já dissemos em nossa narrativa que a esposa do fazendeiro que presenteou a André com um Novo Testamento tinha dado outros a vários camponeses seus vizinhos. Estes, entretanto, os receberam mas por não agravá-la recusando o presente do que com o propósito de ler o livro recebido; muitos os deixaram de lado, sem pensar mais nele. Quis Deus valer-se das exortações simples de André para despertar aquela gente de sua indiferença e fez com que muitos começassem a leitura do Livro santo.

Na época a que agora estamos nos referindo, uma dúzia de pessoas começou a ler o Novo Testamento, para ver se os discursos de André estavam de acordo com ele. Os livros que antes eram considerados como coisas inúteis, agora eram folheados ansiosamente. No princípio, surpreenderam-se com o que liam, pois pensavam que eram novidades, mas logo chegaram a conhecer que eram verdades.

Cederam suas preocupações à evidência da revelação divina e André tinha muita ocupação em responder às perguntas de alguns, animar a outros a que perseverassem e unir-se com outros para animar a outros com o Redentor, que acabava de os tirar das trevas do pecado para a luz maravilhosa do Evangelho.

Em cada ocupação sentia-se ditoso e frequentemente exclamava: - Que maravilhosas são as providências de Deus, que me usa, a mim que não sou mais do que vil verme, mas logo, lembrando-se das palavras de São Paulo: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1 Coríntios 1.27), e dizia: - Querendo assim, o Senhor recebe toda a glória. Assim seja, pois. Demos ao Senhor louvor eternamente.

A casa de André todos os domingos pela manhã ficava cheia de gente, que voltava também à tarde e, embora que o culto que ali se rendia a Deus não tivesse cerimônias imponentes e aparato, sem dúvida, era agradável, porque todos adoravam a Deus como Ele tinha ordenado, isto é, em espírito e em verdade.

Terminada a reunião da manhã, costumavam recolher ofertas, conforme ensinou o apóstolo São Paulo em 1 Coríntios 16.2: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade”.

André Dunn e Jaime Nowlan foram escolhidos tesoureiros e cumpriam fielmente o encargo, registrando em um livro, com minuciosa exatidão, as entradas e as saídas. Como todos contribuíam de acordo com suas posses, puderam fazer muitas obras de caridade entre os seus vizinhos. Tinham uma relação dos nomes de seis infelizes que já não podiam mais trabalhar por serem anciãos e davam a cada um deles uma certa quantia semanalmente.

Cuidavam muito dos enfermos, visitando-os e socorrendo-os quanto podiam. Assim brilhava a sua luz diante dos homens e provavam ao mundo que não professavam uma religião de palavras nem de ostentação, mas “a fé que atua pelo amor”.

Eis aqui um incidente que aconteceu por este tempo. Passando por aquele país um pobre estrangeiro, teve que adiar a sua viagem por ter caído doente. Os donos da casa onde se hospedava, quando souberam que tinha uma febre que podia ser contagiosa, o puseram na rua. Chegando esta

notícia aos ouvidos de André, imediatamente foi à procura do doente, acompanhado de seu filho. Ao entrar na casa, viu que já estava sendo levado para a rua. Falou ao dono da casa da inclemência de sua atitude e o colocaram deitado sobre uma porta que tiraram do batente para esta finalidade. Resguardando-o melhor do que podiam, o levaram para sua casa onde, com o consentimento da família, o acomodaram e cuidaram dele o melhor possível.

A esposa de André cuidava dele com tanto carinho e preocupação como se fosse ele seu próprio irmão. André não cuidou dele somente em relação à saúde física, mas passou muito tempo assentado ao seu lado, lendo-lhe a Bíblia Sagrada e, ajoelhado perto de sua cama, orava por ele. Após algumas semanas, pela bondade de Deus, o enfermo melhorou. Passado o rigor da enfermidade, costumava pensar em sua situação e não podia explicar o cuidado todo especial que tinham demonstrado para com ele, admirando-se da bondade de seus hospedeiros.

- Certamente - dizia ele - se há cristãos verdadeiros neste mundo são os desta família. Trouxeram-me à sua casa quando eu estava doente e desamparado, expondo suas vidas ao contágio, a fim de preservar a minha, e me têm mostrado tanto carinho como se eu fosse um irmão ou um filho seu.

Vendo André que o estrangeiro estava tão agradecido, aproveitou para recomendar-lhe o Evangelho, por cuja influência o estrangeiro tinha seus esforços tinham surtido bom efeito.

Este homem veio ao conhecimento da verdade na casa de André e, quando voltou para junto de sua família, demonstrou o mesmo zelo espiritual para fazer o Evangelho conhecido de seus vizinhos e com tão bom êxito como André entre os seus.

Nesta ocasião, André ficou sabendo que o padre Domingos estava à morte. Tinha sofrido um ataque e a qualquer momento era esperado um novo ataque, que viria a ser fatal. Após lutar bastante consigo mesmo, André resolveu fazer-lhe uma visita. Quando o viram à porta da casa do sacerdote, avisaram ao padre, supondo que André ali estava

para pedir-lhe perdão, antes que o padre morresse. Com esta ideia em mente, permitiram que André entrasse e ele lamentou muito ver o padre ali prostrado.

Ao vê-lo o padre exclamou:

- Amigo André! Estou morrendo e, o que é pior, temo que minha alma esteja condenada ao castigo do inferno.

- Não diga isto - respondeu André, emocionado - pois Deus diz que “o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho nos purifica de todo pecado”.

- Ai de mim! - disse o padre. - Se eu tivesse atentado para a sua justa repreensão no dia em que estivemos conversando em sua casa, poderia estar salvo agora. Naquele dia, você me disse que cuidar de almas é um cargo de muita responsabilidade. Agora vejo que realmente é e tenho que dar contas de meus atos diante do tribunal de Deus; tenho que prestar contas das muitas almas que perderam por causa da minha negligência e ignorância. Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!

Não pôde dizer mais nada; sobreveio-lhe um novo ataque que o deixou insensível e, após várias horas, morreu.

André retirou-se depressa, pois não podendo ser mais útil ali, o espetáculo era extremamente doloroso. Ao chegar à sua casa, chorou amargamente, pensando no erro fatal dos que deixam para a hora da sua morte o preparo para a Eternidade.

.oOo.

Termino esta narração com uma breve lembrança da morte feliz de Jaime Nowlan, que se deu uns dois anos mais tarde. Estando em certo dia André em casa com sua família, recebeu aviso que Jaime estava passando mal e desejava vê-lo. Apressou-se em satisfazer o desejo de seu amigo e, ao penetrar em seu quarto, Jaime lhe disse:

- Estou passando muito mal, mas minha alma está consolada. Não sei se esta enfermidade me levará à sepultura, mas meu Redentor sabe o que vai fazer e isto é

suficiente para mim. Já faz tempo que eu desejava viver tão somente para a Sua glória e, se esta pode ser promovida por minha morte do que por minha vida, prefiro morrer.

André alegrou-se em encontrar seu amigo tão conformado e de coração uniu-se a ele para bendizer ao Redentor a Quem tanta amavam.

- Oh, quão preciosas, quão doces são as promessas que Jesus nos dá em Seu Evangelho! - disse Jaime.- quão doce soa a meus ouvidos o nome de Jesus!

Durante um certo tempo, Jaime continuou falando deste jeito e André não quis interrompê-lo. Quando Jaime fez uma pausa, André lhe perguntou se queria que orasse e que lhe lesse algum trecho da Bíblia Sagrada.

- Leia você - disse Jaime.- Eu quero ouvir a voz do meu Redentor, pois Ele é que fala e com toda a minha alma O espero.

André pegou a Bíblia e leu no capítulo 15 da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios. Depois, se pôs de joelhos junto à cama e fez uma solene e fervorosa ação de graças a Deus por ter usado de tanta misericórdia para com o seu amigo. Também orou ao Senhor, pedindo-Lhe que continuasse fortalecendo-o naquele estado.

Voltou para casa e, no dia seguinte, de manhã cedo lhe fez uma nova visita. Achou-o pior de sua enfermidade, mas com maior confiança em Deus. Estava com pneumonia, mas era evidente que piorava a cada momento e não somente ele, mas também todos os que estavam ao seu redor, criam que não demoraria em dirigir-se às mansões celestiais.

Pouco antes de sua partida, mandou chamar a André e, quando este chegou, os da família estavam ao redor da sua cama. Então Jaime exclamou: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 15.55-56).

Ao ver que todos estavam chorando, disse-lhes:

- Não chorem por mim, meus amados, antes regozijem-se comigo e ajudem-me a bendizer o nome do meu Redentor.

Vou encontrar com Ele na glória e com Ele estarei eternamente. Oh, que glória tão maravilhosa! Com ela será coroada a minha alma redimida. Minha confiança está em Jesus Cristo, que venceu a morte!

A partir daquele momento, suas forças foram diminuindo, mas sua alma regozijava-se diante da perspectiva gloriosa de uma felicidade eterna, conforme declarou várias vezes aos que estavam junto dele.

Após permanecer algum tempo em silêncio, exclamou: “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 5.13).

Estas foram suas últimas palavras, mas a serenidade que se manifestava em seu semblante indicava a todos que o viam seu estado interior e a maneira tão expressiva com que levantava as mãos e os olhos para o céu, quando já não podia mais falar, era prova de que ainda estava consciente e que seu triunfo sobre a morte era completo.

Depois de mais algumas horas, sua alma foi para o paraíso de Deus.

.oOo.